

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

VITÓRIA TEIXEIRA DOS SANTOS

**ESCARAFUNCHAR MEMÓRIAS EM ÁGUA BRANCA-AL: ENTRE  
ACONTECIMENTOS, PERSONAGENS E LUGARES**

DELMIRO GOUVEIA-AL  
2022

VITORIA TEIXEIRA DOS SANTOS

**ESCARAFUNCHAR MEMÓRIAS EM ÁGUA BRANCA-AL: ENTRE  
ACONTECIMENTOS, PERSONAGENS E LUGARES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla Farias Silva

DELMIRO GOUVEIA – AL  
2022

## FOLHA DE APROVAÇÃO

VITÓRIA TEIXEIRA DOS SANTOS

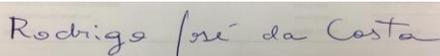
ESCARAFUNCHAR MEMÓRIAS EM ÁGUA BRANCA-AL: ENTRE  
ACONTECIMENTOS, PERSONAGENS E LUGARES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Universidade Federal de Alagoas – Campus do  
Sertão – Curso de Licenciatura Plena em  
História, como requisito parcial para a obtenção  
do grau de Licenciado em História, aprovado  
em 03 de Junho de 2022.



Profa. Dra. Sheyla Farias Silva - UFAL (Orientadora)

### Banca Examinadora:



Prof. Dr. Rodrigo José da Costa - UFAL



Prof. Me. Wladimir José Dantas- SEDUC

## AGRADECIMENTOS

À Deus, pela minha vida, por me possibilitar ultrapassar todos as dificuldades durante a minha existência e na construção deste trabalho.

À minha família e em especial aos meus pais, Marli Teixeira dos Santos e Manoel Hamilton dos Santos, por todo amor, cuidado, carinho, paciência e apoio, quando em meio as adversidades, nunca deixaram que eu desanimasse. Aos meus irmãos, João Manoel Teixeira dos Santos e Matheus Teixeira dos Santos, por cada momento de companheirismo, proteção e incentivo. Aos meus tios José Carlos e Maria José por todo apoio.

Aos colegas de turma, especialmente à Aline Soares, Géssica Mendes, Márcia Araújo, Cícera Costa e Andressa Hawana, por todo acolhimento, paciência, colaboração, troca de conhecimento e amizade. As minhas amigas Eloise Dayane, Glaucilene Monteiro, Amanda Feitosa e Bárbara Suelen, pelos incontáveis momentos, vocês são essenciais na minha vida. À Emília Oliveira, Lúcia Pereira e Iago de Sá, por toda ajuda e incentivo na conclusão deste trabalho. As colegas de trabalho, Cícera Aquino e Rozineide Nunes, por toda a colaboração.

A todos os professores que diretamente ou indiretamente contribuíram na minha formação. À minha orientadora, Dra. Sheyla Farias, não somente pela paciência e contribuição na construção deste trabalho, mas também por todo comprometimento com o curso, com a formação dos discentes, e principalmente com a minha formação.

Aos colaboradores, que foram fundamentais nesse processo, pela disponibilidade e troca de histórias. Às demais pessoas que me ajudaram de alguma forma.

Aos professores que participaram da minha defesa, o professor Me. Wladimir Dantas e o professor Dr. Rodrigo Costa, por todas as contribuições no aperfeiçoamento deste trabalho.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar os elementos constituintes da Memória Coletiva água-branquense. A ação inicial foi identificar quais seriam esses elementos, para depois entender como essa lembrança é feita e sentida pelo grupo. Nesse sentido, utilizamos alguns referenciais teóricos para compreensão do conceito de Memória e alguns trabalhos acadêmicos para auxiliar na caracterização da região. A pesquisa possui caráter exploratório, e a abordagem escolhida foi a de história oral como método de pesquisa qualitativa, com emprego de entrevistas e análise dos dados coletados. Entretanto, também foram utilizadas outras tipologias documentais para contextualização das entrevistas. Essa investigação movimentou a história do Município de Água Branca-AL, despertando certos sentimentos e certas reflexões inesperadas entre os colaboradores.

**Palavras-chave:** Água Branca-AL, Memória, História-oral.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the constituent elements of the collective memory of Águabranquense. The initial action was to identify what these elements would be, to then understand how this remembrance is made and felt by the group. In this sense, we use some theoretical references to understand the concept of memory and some academic works to help in the characterization of the region. The research has an exploratory character, and the chosen approach was oral history as a qualitative research method, using interviews and analysis of the collected data. However, other documentary typologies were also used to contextualize the interviews. This investigation moved the history of the Municipality of Água Branca-AL, arousing certain feelings and certain unexpected reflections among the collaborators.

**Keywords:** Água Branca-AL, Memory, Oral-history.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO.....   | 7  |
| 2 AS CONTRIBUIÇÕES DA MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO<br>HISTÓRICO..... | 8  |
| 3 ASPECTOS GERAIS DE ÁGUA BRANCA-AL.....                                      | 14 |
| 4 ELEMENTOS CONSTITUINTES DA MEMÓRIA AGUABRANQUENSE .....                     | 18 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....  | 25 |
| REFERÊNCIAS.....  | 27 |
| APÊNDICES.....  | 30 |

## 1 INTRODUÇÃO

A inquietação para surgimento dessa pesquisa teve início ainda no terceiro período. O contato com assuntos relacionados à história local, memórias e sentimentos de pertencimento, possibilitaram-me despertar interesse para a realidade social a qual estou inserida. Assim, a partir das iminentes inquietações, refleti sobre quais seriam os principais elementos constituintes da memória coletiva aguabranquense, e de que forma esses elementos movimentam a memória da região. A priori, considerei as figuras nobiliárquicas do Barão e Baronesa. Apesar desses personagens estarem de fato presente na mentalidade coletiva, com as entrevistas constatei que existem lugares e acontecimentos que são rememorados em condições adjacentes.

Para que fosse possível prosseguir com a pesquisa, foram utilizadas as contribuições de Alberti Verena, Alessandro Portelli, José Carlos e Fabíola Holanda sobre metodologia de História Oral. No que se refere a memória, encontramos suporte teórico principalmente nas obras de Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak.

Esse trabalho analisou os elementos constituintes da memória aguabranquense. Para isso foi necessário primeiro identificá-los, para depois perceber como essa evocação é feita e sentida pelo grupo.

O trabalho desenvolvido se trata de uma pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo de cunho exploratório, visto que a pesquisa exploratória evidencia maior familiaridade com o problema a fim de explicá-lo (GIL, 2008). A abordagem adotada foi a qualitativa, uma vez que o sucesso do trabalho não depende de dados numéricos, e sim de escolhas criteriosas visando a experiência dos sujeitos.

A metodologia de pesquisa escolhida foi a história oral. Segundo Verena Alberti (2005), independente do tema, desde que seja contemporâneo, e existam pessoas que possam falar algo sobre ele, pode ser investigado por intermédio da história oral. Logo, a escolha dessa metodologia está diretamente relacionada ao teor da pesquisa, pois busca dar voz a sujeitos desconhecidos e através das narrativas de memórias verificar como o entrevistado compreende a si mesmo, os outros e o espaço ao qual está inserido. Para isso foram realizadas entrevistas e análise das mesmas.

Na questão de quais sujeitos entrevistar, o critério de escolha foi o sujeito e a sua relação com o município de Água Branca-AL. O número de entrevistados foi determinado pelo conceito de "saturação" de Daniel Bertaux. A entrevista foi temática e semiestruturada.

Embora a fonte privilegiada seja a oral, o conjunto de documentos já construídos servem de apoio para a investigação e como instrumento de análise das entrevistas (ALBERTI, 2005). Assim como no uso de outras tipologias documentais, foi importante relacionar com outros documentos.

É importante registrar que esse trabalho foi desenvolvido durante a pandemia mundial do COVID 19, diante desse contexto atípico, foi enfrentado algumas dificuldades, principalmente no que concerne a realização das entrevistas, uma vez que o isolamento social era uma das medidas de segurança, impedindo, desse modo, a realização de mais entrevistas. Nesse sentido, utilizamos outras tipologias documentais para a corroboração da memória dos colaboradores.

Percebemos a importância do estudo diante da contribuição direcionada ao município de Água Branca-AL, visto que sua historiografia ainda concentra lacunas profundas, e acredito que esse trabalho contribuiu nessa redução em alguma proporção, ainda que mínima. Além disso, os habitantes despertaram lembranças, histórias e sentimentos que estavam adormecidos. Em síntese, houve uma considerável movimentação da nossa história e cultura. À comunidade científica, essa pesquisa por ser de cunho exploratório pode ser um futuro auxílio em estudos posteriores.

No primeiro tópico, são abordadas algumas considerações sobre a Memória e suas contribuições na construção do conhecimento histórico, logo após há uma caracterização geral de Água Branca-AL, e por fim, a análise das entrevistas realizadas com um grupo de moradores do município.

## **2 AS CONTRIBUIÇÕES DA MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO**

Objetiva-se aqui expor algumas ideias sobre as relações entre Memória e História, compreendidas enquanto duas maneiras de gerir o passado, e quando analisadas em circunstâncias menos opostas no debate historiográfico, se tornam grandes complementares. Embora, não seja a memória exclusiva do campo historiográfico, mantendo relações com a

psicologia e biologia, por exemplo, é importante ressaltar que nossa intenção é abordá-la dentro das ciências humanas, e mais especificamente dentro da ciência histórica.

É sobretudo, através da renovação epistemológica engenhada na década de 1970, alavancada, na atmosfera europeia, pelo surgimento de novas identidades e minorias, e novas correntes historiográficas<sup>1</sup>, onde o historiador entra em diálogo com a dimensão memorial, o colocando no terreno do contemporâneo, antes frequentado, essencialmente, por cientistas, psicólogos e jornalistas (BÔAS, 2015).

É nesse sentido que os historiadores começam a se interessar pela memória, seja como fonte histórica, seja como fenômeno histórico, e passam a analisar questões ligadas ao advento de seleção da memória, mudanças de lugar para lugar, ou de um grupo para outro, suas oscilações, mudanças durante o tempo, modos de transmissão, bem como seus usos e esquecimentos (BURKE, 2006). São esses os questionamentos que fazem com que a memória seja objeto válido de análise para a História.

Nesse contexto, a memória se torna uma ferramenta primordial à identidade individual ou coletiva, conservá-la é essencial para os indivíduos e a sociedade (LE GOFF, 2003). A memória inserida na ciência histórica possui a serventia de preservar as lembranças e fatos ocorridos no decorrer da história humana. Anseia salvaguardar o passado para servir ao tempo presente e ao futuro, procurando enriquecer a História para promover a libertação dos homens (LE GOFF, 2003).

A memória é responsável por contar e recontar acontecimentos de um povo. À medida que a identidade é formada através do que continua presente na memória de seus membros, ela se torna imprescindível na elaboração de histórias locais, uma vez que tanto a memória quanto a história são resultados de interações sociais. No que concerne à memória individual, as pessoas recordam, de modo exclusivo, aquilo que desejam perpetuar durante a vida. Mas o que de fato é selecionado e legitimado para ser lembrado futuramente, é produto de memórias coletivas construídas por grupos sociais (DANTAS, 2012).

Entretanto, a memória compreende algumas problemáticas, dificultando que o conhecimento histórico seja totalmente reconstruído, pois a memória possui caráter seletivo,

---

<sup>1</sup> Uma delas reconhecida como Nouvelle Histoire- possuindo Pierre Nora com um dos seus representantes. Foi essencialmente com a publicação de *Mémoire collective* na coletânea: dicionário *La nouvelle histoire*, que Nora definiu essa noção como conjunto de recordações, conscientes ou não, de experiências vividas por uma comunidade cujo sentimento do passado faz parte integrante da sua identidade (NORA, 1978). E a outra corrente denominada “história do tempo presente” ou “história imediata”.

inventivo e às vezes tende ao esquecimento, podendo muitas vezes o relato de uma lembrança ser incompleto. Dentro desse contexto, a problemática do esquecimento pode ocasionar perdas consideráveis, como salientou Le Goff (2003):

Num nível metafórico, mais significativo, a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença de personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária, da memória coletiva nos povos e nas nações, que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva. (LE GOFF, 2003, p. 421).

O esquecimento de certas situações pode desencadear a dificuldade de reconstruir um acontecimento e às vezes a memória precisa ser reforçada. De acordo com Halbwachs (2013), as lembranças de um indivíduo devem estar localizadas num espaço de afetividade. Nesse espaço devem haver outras pessoas, que formam um grupo social em comum, e as lembranças que o indivíduo rememora são baseadas justamente pelas memórias do grupo ao qual esteve inserido, uma vez que vive em sociedade e se relaciona com demais pessoas das quais compartilha uma infinidade de momentos enquanto vive.

Nesse sentido, uma solução para o problema de ausência de memórias seria:

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso. (HALBWACHS, 2013, p. 31).

Todavia, é necessário haver no sujeito resquícios de lembranças para que as memórias dos outros tenham para ele significado e possam reconstituir suas lembranças, ou seja, é muito importante que as lembranças individuais não deixem de concordar, razoavelmente, com as lembranças dos outros integrantes do grupo, pois, ambas memórias, individuais e coletivas devem estar em conformidade. Uma vez que alguns dos integrantes do mesmo grupo esquecem determinado acontecimento, e não conseguem por meio das lembranças de outros reconstituir a sua própria, há uma perda de sentidos e sentimentos (HALBWACHS, 2013). Como podemos observar nessa passagem:

Que importa que os outros estejam ainda dominados por um sentimento que outrora experimentei com eles e que já não tenho? Não posso mais despertá-lo em mim porque há muito tempo não há mais nada em comum entre mim e meus antigos companheiros. Não é culpa da minha memória nem da memória deles. Desapareceu uma memória coletiva mais ampla, que ao mesmo tempo compreendia a minha e a deles. (HALBWACHS, 2013, p. 39-40)

Para que essa perda de sentido não ocorra em nível individual e em nível coletivo, o trabalho de reconstrução, reconhecimento e compartilhamento da memória deve se fazer presente, para promover solidariedade e coesão aos membros de um grupo (MOTTA, 2003).

Outras questões relevantes sobre o assunto, são a seleção e a disputa de memórias. A memória nacional que se insere na mais eloquente das memórias coletivas, seja pela sua relevância na sociedade contemporânea, seja pelos elementos que a compõem (MOTTA, 2003). É, sobretudo, alvo de uma enorme disputa no que diz respeito a quais datas e acontecimentos devem ser gravados ou não na memória de uma nação (POLLAK, 1992). Logo, é necessário saber quem quer lembrar o quê e por quê (BURKE, 2006).

É consenso que é no meio seletivo onde se manifesta a memória de um povo, à medida que se escolhe uma memória em detrimento de outra, pode existir abusos de memória que se tornam abusos de esquecimento. Segundo evidencia Paul Ricoeur (2007) a questão desse tipo específico de esquecimento, pode ocasionar danos à confiabilidade das memórias. Sabendo disso, ao estudarmos as memórias nacionais ou qualquer tipo de memória oficial<sup>2</sup> é imprescindível fazer as devidas perguntas a fim de entender como ocorreu a seleção dessas memórias.

No entanto, embora existam esforços para a manutenção de uma história oficial única, “acontecimentos regionais podem traumatizar tanto uma região ou um grupo, que essa memória pode ser repassada no decorrer dos séculos com um forte grau de identificação” (POLLAK, 1992). Não é difícil visualizar a influência que grupos podem exercer sobre outros, escolhendo o que deve ou não ser preservado através da memória oficial, mas existem memórias tão perturbadoras ou impactantes de modo geral, que apesar da história oficial não as contemplar, jamais serão atreladas ao esquecimento.

Essas memórias percorrem camadas mais subterrâneas, resistindo as negações e tentativas de esquecimento, e às vezes podem ganhar tamanha adesão que de certa forma abalam as fortalezas que resguardam as memórias oficiais, como muito bem analisou Portelli, em *O massacre de Civitella Vai di Chiana*, de um lado uma memória reconhecida “oficialmente” que comemora o massacre como um ato da resistência e compara os mortos a mártires da liberdade, de outro lado, uma memória construída e preservada pelos sobreviventes,

---

<sup>2</sup> Paul Ricoeur, em a memória, a história, o esquecimento de, faz uma alerta para o perigo da história oficial, pois esta é com muita frequência detentora de narrativas ideológicas.

filhos, viúvas, voltada, majoritariamente, no luto e nas perdas individuais e coletivas (PORTELLI, 1996).

Ainda, de acordo com Bergson, “é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde” (BERGSON apud BOSI, 1994, p. 48). Dessa forma, o indivíduo quando evoca lembranças passadas, as filtra de acordo com o que vive no presente, visto que:

Na maior parte das vezes lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nossa percepção alterou-se com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1994, p. 55).

Viver é de certa forma reconstruir-se, somos seres mutáveis e o mesmo acontece com as nossas memórias, e conseqüentemente com a imagem que nós temos de nós mesmos e dos outros, tudo vai depender das necessidades impostas pelo tempo presente.

Em suma, conforme exposto por Le Goff, “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (LE GOFF, 2003, p. 471). Assim, embora distintas, a memória e a História estão fortemente entrelaçadas, trabalhando unidas na construção do conhecimento histórico.

A história oral é sem dúvida, a principal referência para retratar a memória coletiva água-branquense. Essa escolha possibilitou retratar as diversas histórias aqui presentes, justamente por buscar dar voz aos sujeitos comuns, pois todos têm história, porém, não raramente, ficam à mercê da história oficial.

Embora Água Branca seja um município de idade considerável, sua historiografia ainda concentra lacunas extensas. Por sorte, depois da interiorização da Universidade Federal de Alagoas, localizada em Delmiro Gouveia-AL, podemos encontrar alguns trabalhos<sup>3</sup> que contribuem para redução de tais ausências. É também nesse sentido que essa pesquisa se justifica, em uma tentativa de agregar informações relevantes à História de Alagoas, bem como à História do povo água-branquense, uma vez que o objeto de estudo são essencialmente suas próprias memórias.

A História Oral surge da carência de uma memória mais democrática do passado, possibilitando novas interpretações da História ao dar voz a múltiplos narradores. Podemos resumir que a história Oral é uma metodologia de pesquisa que consiste na elaboração de

---

<sup>3</sup> Ver: Rezar, cozer e costurar: memórias das estudantes do Educandário (Água Branca / AL 1965-1975), trabalho de Maria Lúcia Pereira dos Santos Silva. Ver também: Rurbanização e ensino de geografia: um olhar sobre a cidade de Água Branca – AL, trabalho de Fábio Pereira dos Santos.

entrevistas gravadas com pessoas que participaram de, ou vivenciaram, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (ALBERTI, 2005).

Assim como a Memória, a História oral possui caráter interdisciplinar, não só utilizada pela História, Antropologia, Sociologia, mas até mesmo pelo Jornalismo (DANTAS, 2012). Justamente por essa diversidade, para uns é considerada técnica, para outros disciplina e para tantos outros, metodologia. Muito se engana quem pensa que sua prática se resume apenas a coleta de relatos, a História oral se estende desde a construção de um projeto de pesquisa com definição do entrevistado bem como a justificação dessas escolhas (MEIHY, HOLANDA, 2011).

Para esta pesquisa nos interessa a visão que se tem de História Oral como metodologia de pesquisa, uma vez que:

Problematiza a História Oral como uma área de estudo com objeto próprio e capacidade de guiar soluções, estabelecendo e ordenando procedimentos de trabalho como uma ponte entre teoria e prática. As soluções e explicações devem ser buscadas na teoria da história que se dedica a estudar os conceitos de história e memória, assim como as complexas relações entre ambas. (CHAGASTELLES; LACERDA, 2013, p1)

A História Oral divide-se em história oral de vida que compreende as experiências vividas por um único sujeito, sendo ele o epicentro da pesquisa. Existe também a tradição oral, ansiando evidenciar os mitos e tradições antigas. Por fim, temos a opção de trabalhar com a história oral temática, inclusive é esse tipo que iremos utilizar neste trabalho, uma vez que procura um tema específico e pessoas que possam dizer algo sobre ele, segundo Meihy e Holanda:

Por natureza, a história oral temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas. É uma metodologia que permite a busca de esclarecimentos de situações conflitantes, polêmicas, contraditórias. (MEIHY, HOLANDA, 2011 p. 39).

Dentre todas as possibilidades de fazer História Oral, todas elas visam, entre outras coisas, preservar a Memória. Porém, o grupo ao fazer escolhas, esquece e faz esquecer outros acontecimentos (MOTTA, 2003). Portanto, a identidade grupal constrói-se mediante as experiências que seus integrantes consideram importantes e para com eles desenvolveram sentimentos de pertencimento. Logo, o que garante ser possível perceber uma identificação grupal é “a repetição de certos fatores que, por fim, caracterizam a memória coletiva”. (MEIHY; HOLANDA, 2011, p.28).

Distinguindo-se das demais formas de indagar o passado, a entrevista é uma produção intelectual capaz de ser compartilhada e produzir conhecimento (CRUZ, 2005). Afinal, são

pelas entrevistas que são construídas as fontes orais. Nesse sentido, ao escolher os entrevistados deve-se levar em consideração o que esse grupo defende, o contexto social ao qual se insere, bem como qual será a sua contribuição na pesquisa.

Ao ser possível preencher lacunas na História, descrevendo a visão de outros atores da sociedade, antes excluídos, sobre determinado acontecimento, e a vantagem de escrever a história recente, história do tempo presente, torna a História Oral uma metodologia exclusiva no resgate das memórias. Portanto, a História Oral se configura como essa imprescindível ferramenta metodológica na coleta das inúmeras histórias.

### 3 ASPECTOS GERAIS DE ÁGUA BRANCA-AL

Água Branca é um município de Alagoas, localizado no extremo oeste alagoano, com aproximadamente 304 km de distância da capital Maceió. Limita-se ao sul com os municípios de Delmiro Gouveia e Olho D' Água do Casado, ao norte com o município de Mata Grande e Estado de Pernambuco, ao leste com Olho D' Água do Casado e Inhapi e a oeste com o município de Pariconha. O espaço urbano, situa-se entre as coordenadas 9°15'46,08" de latitude sul e 37°56'25,44" longitude ao oeste, e com uma altitude de 533 metros (IBGE, 2021).

Figura 1: Localização geográfica do município de Água



Fonte: IBGE (2010)

Elaboração Cartográfica: Fábio Pereira dos Santos, 2014.

Situado na mesorregião do Sertão Alagoano e na microrregião do Alto Sertão, no segundo ponto mais alto do estado de Alagoas, fazem do lugar, um recorte geográfico de clima ameno no verão e inverno chuvoso, com mirantes e cachoeiras, diferenciando-se do restante dos municípios do sertão de Alagoas (SANTOS, 2019).

Seu território atualmente se estende por uma área de 454,625 km<sup>2</sup>. De acordo com o último censo demográfico realizado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sua população era estimada em 19.377 habitantes (IBGE, 2021).

A estruturação econômica do município desde o princípio esteve ligada ao meio rural. Até metade do século XX, eram a pecuária, o cultivo da cana de açúcar e a produção agrícola que sustentavam a economia da região. Foi a cana de açúcar o elemento de maior destaque neste período, acredita-se que aproximadamente 50 a 60 engenhos funcionaram especialmente para o preparo de mel, rapadura, cachaça e alfenim (SANTOS, 2014). Esse fato pode ser explicado na perspectiva dos estudos de Manuel Correia de Andrade (1980). Segundo ele, os locais serranos do Nordeste seriam manchas úmidas no meio do sertão com condições climáticas favoráveis ao cultivo da cana de açúcar.

Sobre a formação do município de Água Branca-AL, para que possamos entender esse processo, é importante nos atentarmos a influência que a igreja católica possuía nesse contexto, visto que a construção de templos difundia a fé católica, promovia a fixação de povoados e era uma forma eficaz de arrecadação financeira (LIMA, 2021). É nesse cenário que há desmembramentos nas sesmarias, surgindo novas freguesias, vilas e posteriormente novos municípios, assim como aconteceu em Água Branca-AL.

Em 02 de junho de 1864 desenvolveu-se a freguesia de Nossa Senhora da Conceição, devido a construção da primeira paróquia<sup>4</sup> de Água Branca, fato que provocou o desmembramento ao território paroquial de Mata Grande, na época chamada de Paulo Afonso. No dia 24 de abril de 1875, a povoação ali desenvolvida é promovida a Vila e em 1919, passa a ser cidade (ARAÚJO, 2018).

Os responsáveis pelo desbravamento do município, foram os membros da família Vieira Sandes ainda no século XVIII. Essas pessoas eram influentes na freguesia, igualmente aos sobrenomes Siqueira Torres, Soares de Mello e Luna. Essa influência se dava pela ocupação de cargos políticos ou militares e pelo poder aquisitivo de posses e bens que possuíam.

Sabe-se que essas famílias utilizaram o casamento para proteger e alavancar seus bens. Essa prática se fez muito presente no Brasil Colônia e Império, de acordo com Marília, o casamento religioso no Brasil foi fundamental nas composições familiares dos primeiros habitantes de uma região, sendo utilizado muitas vezes para a manutenção de riqueza e status

---

<sup>4</sup> Igreja do Rosário construída no ano de 1770, possuindo grande influência barroca, edificada pelo Major Francisco Casado de Melo.

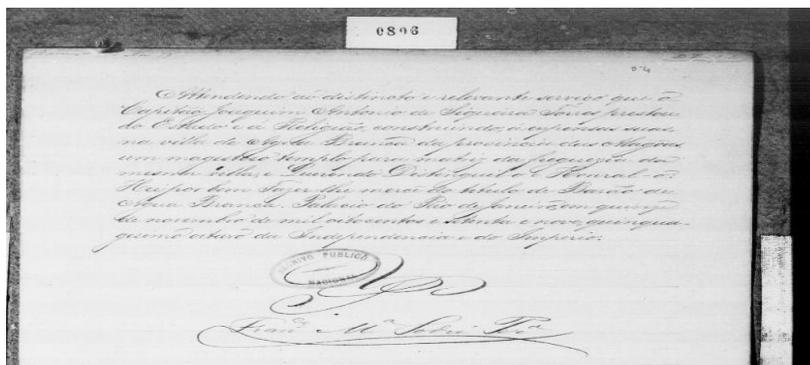
(ARAÚJO, 2018). Em Água Branca podemos verificar tal fato ao estudarmos a constituição da família do futuro Barão de Água Branca, o Senhor Joaquim Antônio de Siqueira Torres.

Theotônio Victoriano de Siqueira Torres, natural de Pernambuco, passando por terras aguabranquenses, se encantou por Gertrudes, que era justamente filha do Capitão Faustino Vieira Sandes, um dos desbravadores do território. Este enlace matrimonial concebeu 10 filhos, entre eles Joaquim Antônio de Siqueira Torres. Tendo o mesmo sido casado duas vezes, do seu primeiro casamento com Joaquina Vieira Sandes teve 3 filhos, vindo ela a falecer em 1843. Seu segundo casamento foi com Joana Vieira Sandes, futura baronesa de Água Branca e irmã da sua primeira esposa, com ela teve mais oito filhos.

Acontece que suas duas esposas eram filhas do seu primo Antônio Vieira Sandes. Dessa forma, o matrimônio além de ser uma questão religiosa era também uma estratégia político-econômica, utilizada muitas vezes com o propósito de estabelecer contratos entre famílias para manter ou aumentar bens.

Por volta do ano de 1841, Joaquim Antônio de Siqueira Torres atuava como Juiz de Paz de Água Branca, e foi a partir da construção da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Água Branca em 1879, com seus próprios recursos, que ele recebe o título<sup>5</sup> de Barão de Água Branca.

Figura 2: cópia digital do Decreto Imperial manuscrito em 15 de novembro de 1879, concedendo o título de barão de Água Branca a Joaquim Antônio de Siqueira Torres



Fonte: Arquivo Nacional, situado no Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> Segundo Verçosa, a distribuição de títulos de nobreza concedidos pelo governo imperial, irão, no dia-a-dia da província trazer um aumento descomunal do poder dos senhores rurais que irá concentrar em algumas poucas famílias.

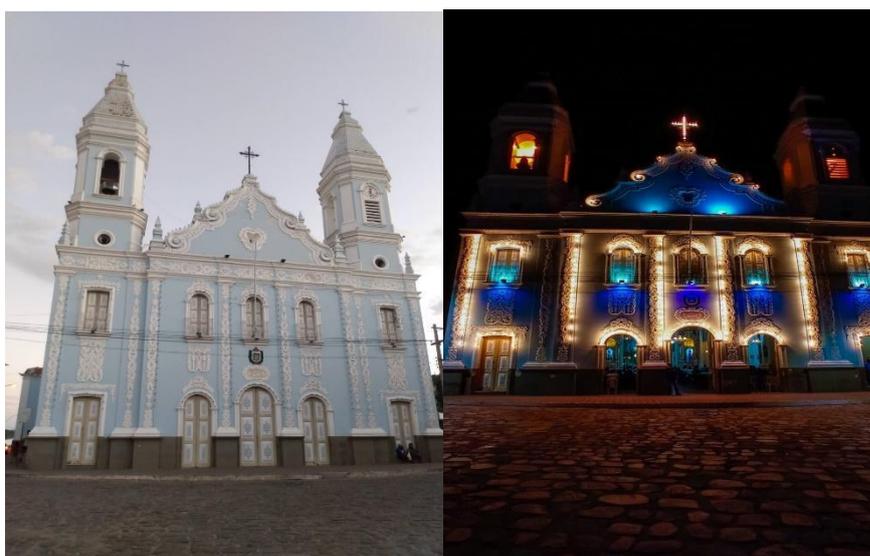
<sup>6</sup> "Attendendo ao distinto relevante serviço que o Capitão Joaquim Antônio de Siqueira Torres prestou ao Estado e a Religião, construindo a expensas suas na villa de Água Branca da província das Alagoas um magestoso templo para matriz da freguezia da mesma villa, e querendo distingui-lo e honrá-lo hei por bem fazer-lhe mercê do título de Barão de Água Branca. Palácio do Rio de Janeiro, em quinze de novembro de mil oitocentos e setenta e nove, quinquagésimo oitavo da Independência e do Império."

Seu falecimento ocorreu em 29 de janeiro de 1888, em seu registro de óbito<sup>7</sup> encontramos informações sobre sua nacionalidade brasileira e sobre suas propriedades, terras e escravos. Com o falecimento do Barão, foi a viúva a inventariante dos seus bens.

Fruto da devoção do Barão a coroa portuguesa e ao cristianismo, a Igreja Matriz de Água Branca é sem sombra de dúvida “um dos símbolos do catolicismo e do poder econômico e social que alcançou a família Vieira Sandes e Siqueira Torres na freguesia de Água Branca” (ARAÚJO, 2018, p. 59).

Atualmente, o templo é motivo de orgulho entre os munícipes. É bastante comum a vulgarização das imagens da mesma em redes sociais, pinturas, xilogravuras, em grafites de prédios públicos e até mesmo em slogan de campanha política. Sua fachada transita em influência do barroco tardio, neoclassicismo e rococó, a colocando numa posição de destaque com relação aos outros templos alagoanos (SANTOS, 2019).

Figuras 3: fachada da Matriz Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Acervo Pessoal de Klebson Silva Ferreira- Água Branca, 30/04/2022.

Ademais, a cidade é privilegiada com uma arquitetura belíssima do século XVIII e XIX, sendo um dos seus maiores atrativos. “O centro histórico da pequena Água Branca é uma joia do Brasil colonial, cuja implantação no alto da cordilheira propiciou-lhe charme, elegância e harmonização paisagística entre o entorno e a urbe”. (SANTOS, 2019, p. 2). O centro histórico

---

<sup>7</sup> Encontrado no acervo da paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Água Branca, Registro de óbito do Barão de Água Branca, livro nº 03 de óbito, v.10.

da Praça da Matriz, comporta inúmeros casarões históricos de beleza ímpar como a casa do barão e o calçamento da praça Fernandes Lima.

Extrapolando a cultura material, o município concentra ainda grupos folclóricos: São Gonçalo e o reisado de Frei Damião. Grupos de artesãos, remanescentes indígenas e quilombolas, músicos, poetas e diversas festividades como: São João, a grande celebração de nove noites da padroeira Nossa Senhora da Conceição e o famoso Festival de Inverno.

Para além do Barão e Baronesa de água Branca, há personagens intrigantes que despertam memórias diversas em seus conterrâneos, como a Doutora Quitéria Bezerra de Mello e o Monsenhor Sebastião, ambos imortalizados pelos seus nobres serviços prestados à população. Tais relatos serão explorados mais à frente quando analisarmos as entrevistas dos águabranquenses e como os elementos, acontecimentos, personagens e lugares se manifestam na memória coletiva da região.

#### **4 ELEMENTOS CONSTITUINTES DA MEMÓRIA AGUABRANQUENSE**

Aqui revelamos, mediante o pensamento de Michael Pollak, presente no seu artigo intitulado: Memória e Identidade Social, alguns elementos enraizados na memória coletiva de Água Branca-AL, destacando-se certos personagens, acontecimentos e lugares. Para isso foram realizadas cinco entrevistas de História oral temática, com um questionário semi-estruturado. Para a escolha dos entrevistados, foi utilizado o critério de aproximação do sujeito com o objeto da pesquisa, ou seja, tinham que ser indivíduos que se naturalizaram em Água Branca-AL. As entrevistas foram transcritas da mesma forma que a fala, permanecendo os vícios de linguagem, repetições de palavras, expressões da região e singularidades dos entrevistados.

Embora sejam as fontes orais o elemento de maior destaque, também foi utilizado outros tipos de fontes para contextualização das entrevistas, uma vez que o conjunto de documentos já construídos servem de apoio para a investigação e como instrumento de análise dos dados coletados (ALBERTI, 2005). Assim como no uso de outras tipologias documentais, é interessante realizar esse diálogo.

Dessa forma, segundo Pollak, existem certos *acontecimentos* que podem ter sido experimentados por um único indivíduo ou por uma tabela, ou seja, uma mesma coletividade. São acontecimentos que nem sempre o indivíduo participou, mas que, no imaginário, tomaram tanta proporção que, no fim das contas, é praticamente impossível que ela consiga saber se participou ou não (POLLAK, 1992).

Por meio da realização das entrevistas e análise das mesmas, foi percebido que se preserva na memória coletiva de Água Branca, um acontecimento de ordem política, responsável por despertar certos sentimentos nos aguabranquenses.

Já sabemos que as famílias tradicionais de Água Branca exerceram forte influência na região. Nesse sentido, durante 30 anos, os integrantes da família Torres, dominaram Água Branca politicamente. A mudança ocorreu em 1992-1993, quando Isabel Torres (filha de Roberto Torres, atual prefeito) perdeu o pleito eleitoral para o senhor Luiz Xavier (PT).

A década de 90, inserida em um contexto de Pós-autoritarismo, foi, sem sombra de dúvida, influenciada pela atmosfera nebulosa de um país que esteve imerso na ditadura militar (1964-1985). Conscientes dos inúmeros crimes realizados nesse período da história brasileira, não nos espantaria o fato da política alagoana e mais especificamente da política aguabranquense, nesse período específico, perpetuar-se e consolidar-se por meio do autoritarismo, censura e violência.

Assim, cenários de Pós-Guerras e governos totalitários, são contextos onde se tem um dever de memória<sup>8</sup>, não apenas associada ao dever de manutenção do passado, mas também a obrigação de reconhecimento do sofrimento alheio.

O colaborador Santos, descreve como a população sentia-se diante de tais circunstâncias:

O povo se sentia, é... oprimido. Aí veio um homem por nome de Luís Xavier que se lançou a candidato e ocupou o cargo que era exercido por ele né, no município... o povo se sentiu mais livre, mais liberto né, com direito de se expressar e reclamar, exigir direitos né. (SANTOS, 2021).

Esse fato também é percebido na fala de Monteiro (2021). Para ela, funcionou com uma história de luta. Segundo suas palavras: “escutávamos muitas histórias da questão do coronelismo, e hoje em dia dizem que está mais diferente, digamos que os aguabranquenses tem mais liberdade de expressão hoje em dia.”

Existe, de fato, uma aproximação de ideias entre ambos os relatos. Contudo, percebemos que embora tenha Santos sido contemporâneo do acontecimento por ele relatado, a jovem não tem memórias por ela construídas sobre o evento, mas o que existe é fruto de uma memória por ela herdada.

---

<sup>8</sup> Ver Ledoux (2014). Sobre as origens do pensamento “devoir de mémoire”.

Segundo Pollak, isso é recorrente porque “por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada”. (POLLAK, 1992, p. 2).

Por ter sido um período conturbado, violento, marcado pelo autoritarismo, com toques de recolher, homens armados e mortes, esse período seja lembrado para não se esquecer, para que não se repita. Talvez por esse motivo essa memória seja transmitida entre as gerações, sendo capaz de despertar sentimentos perturbadores nos indivíduos, mesmo aqueles que como Glauciere Monteiro, não o vivenciaram.

Outro elemento constitutivo das memórias, de acordo com Pollak (1992), são *os personagens*, indivíduos que passaram por nossas vidas fisicamente, indiretamente ou por tabela. Muitas vezes a socialização é tamanha que nem sempre é necessário ter compartilhado o mesmo espaço tempo com alguém e ainda assim conhecê-lo.

Ainda na fase do pré-projeto, a hipótese levantada foi que as figuras nobiliárquicas do Barão e Baronesa de Água Branca estariam presente no imaginário das pessoas e certamente estão. Contudo, ao realizar as entrevistas foi possível verificar que apareceram outros personagens e estes não podiam ser ocultados.

Para início de conversa, podemos apresentar o Monsenhor Sebastião Alves Bezerra, pároco da Matriz Nossa Senhora da Conceição de Água Branca-AL a partir de 1951 e vindo a falecer em 08/07/1984. Em duas das cinco entrevistas, é lembrado por seus atos de altruísmo para com a população. Um dos seus maiores feitos e que o deram grande prestígio foi o educandário.

Mas que eu conheci teve o Monsenhor Sebastião que era muito caridoso, bondoso, fez uma casa de apoio para as moças das famílias da zona rural que não poderia botar os filhos para estudar e ali ele acolhia e elas estudavam até adquirir uma formação que era o curso de magistério. (SANTOS, 2021).

O educandário funcionava como uma casa de apoio e foi muito importante na época. Uma vez que Água Branca conta com inúmeros povoados e durante um bom tempo as escolas ficaram restritas ao espaço urbano, as pessoas que moravam no campo, sem meios de transporte, ficavam a mercê do processo educacional. E é a partir do educandário, que essa situação começa a mudar.

O público alvo era crianças órfãos e pobres, desde que fossem do sexo feminino. Um fato curioso é que a instituição não recebia apenas pessoas do município, segundo a

pesquisadora Maria Lúcia, na qual teve oportunidade de entrevistar algumas senhoras que trabalharam no educandário, a instituição acolhia crianças pobres de Maceió, e chegou a receber duas imigrantes americanas (SILVA, 2021).

Assim, o Monsenhor, por receber crianças oriundas de outras regiões e até mesmo de outras nacionalidades fez vários convênios, recebia por exemplo da FUNEBEM (FUNDAÇÃO NACIONAL DO BEM-ESTAR DO MENOR) verbas pelas quais custeava as despesas da entidade e também chegavam bastantes recursos oriundos dos Estados Unidos.

Dessa forma, não é raro para nós mais jovens e que não chegamos a dividir o mesmo espaço e tempo com o pároco, escutarmos relatos sobre o mesmo, como diz Glauciere Monteiro (2021) “o pessoal costuma contar muitas histórias sobre ele, mas não cheguei a conhecer por conta da minha idade”.

Outra personagem que é citada por dois entrevistados, é a Doutora Quitéria Bezerra de Melo, natural de Água Branca, após ter cursado medicina em Recife-PE, aos 27 anos retorna a Água Branca para exercer a profissão. Durante esse tempo chegou a ser diretora do hospital local e ficou conhecida pela forma que tratava seus pacientes, atendendo-os muitas vezes na sua própria residência e quando necessário saía às pressas altas horas da noite, por vezes de camisola, para o hospital a fim de atender os casos mais graves.

São por esses e outros motivos que a personagem em questão é frequentemente lembrada pelos seus conterrâneos. Santos ao ser questionado, rapidamente diz: “era uma pessoa muito preocupada com a situação do município e com as pessoas carentes. Ela era muito, é... acolhedora.” (SANTOS, 2021).

Ao analisarmos a vida da médica, percebemos que de fato ela se doou para Água Branca, não chegou a casar e nem a ter filhos, no entanto, como forma de gratidão, o povo de água Branca carinhosamente a passou chamar de “Mãe de Água Branca”, conforme podemos perceber no relato de Maria Helena Ambrósio:

Acho que uma das pessoas que marcou a história de água branca foi a dona dessa casa aqui, que a gente está aqui, que foi a doutora Quitéria, ela foi a mãe de água branca né, ela tratava os água-branquenses com muito carinho, inclusive quando eu era pequenina eu vinha para cá para ser atendida por ela. (AMBRÓSIO, 2022).

Seus atos caridosos e a empatia pelos mais necessitados, certamente contribuíram para um acesso mais democrático a saúde e a educação. Esses foram certamente os motivos que fizeram que esses dois personagens fossem lembrados com tanto carinho pelos seus conterrâneos, cada um do seu jeito interferiu na realidade social ao qual estavam inseridos.

Ouso em dizer que mantê-los vivos na memória é uma forma de gratidão pelos serviços por eles prestados aos cidadãos.

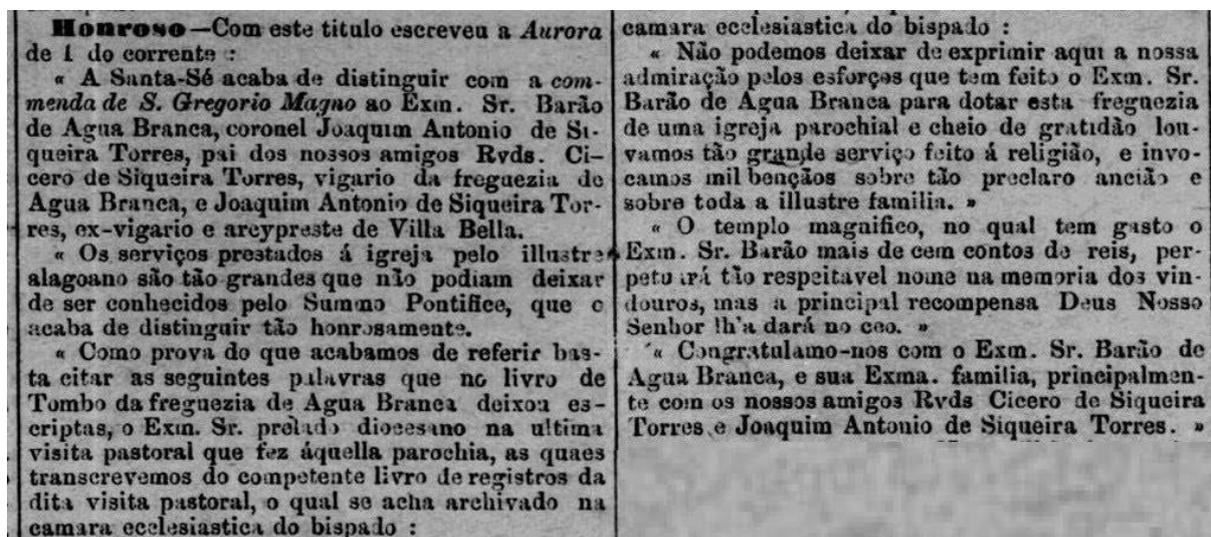
Por último falaremos sobre as figuras do barão e baronesa. Como imaginado, existe uma movimentação da memória que gira em torno do baronato, pois todos os entrevistados os citaram. A partir desses relatos também surgem outros personagens interessantes.

Em algumas entrevistas o Barão e a Baronesa foram rapidamente lembrados, Glauciere Monteiro e Manoel Santos pontuaram que são os mais velhos que contam a história desses personagens.

O senhor Eládio diz ser muito importante a história do baronato porque:

Ele ganhou o título de Barão na construção da igreja matriz Nossa Senhora da Conceição e ele construiu para o filho dele o padre José Cicero que não chegou nem ordenar, mas ele concluiu a construção da igreja e recebeu do Papa Carlos magno o reconhecimento de título de barão de Água Branca. Para mim é muito importante a história do Barão é tanto que nossa característica daqui, o cenário de Água Branca tem tudo a ver com o histórico português né. (CARDEAL, 2022).

Figura 4: Mensagem publicada no jornal Diário de Pernambuco (PE) em 08 de março de 1885, onde informa que a Santa Sé (Vaticano) tinha acabado de distinguir a Comenda de São Gregório Magno, ao Barão de Água Branca, pelo Papa Leão XIII.



9

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira - Fundação Biblioteca Nacional.

Contudo, as histórias desses nobres abrem espaço para outros personagens, como quando Maria Helena se refere a importância da aquisição da Casa do Barão pela Prefeitura

<sup>9</sup> “Os serviços prestados á igreja pelo illustre alagoano são tão grandes que não podiam deixar de ser conhecidos pelo Summo Pontífice, que acaba de distinguir tão honrosamente”.

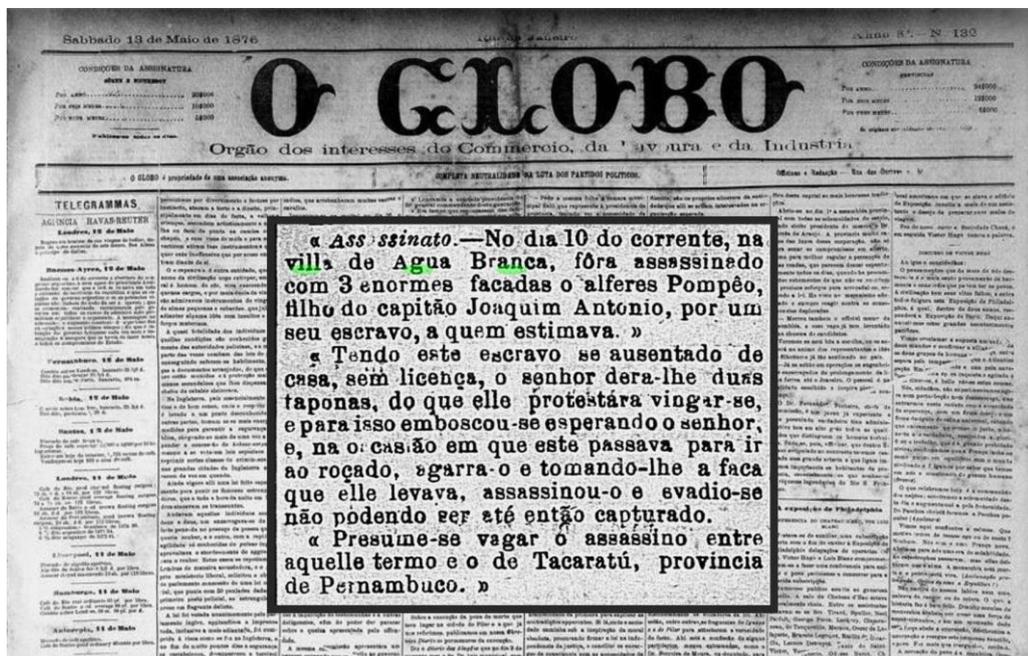
Municipal em 2021, e enfatiza a mão de obra escrava na construção da mesma, bem como o que ela entende por escravidão.

A casa do Barão, que foi construída pelos negros, só que hoje né, graças a Deus a gente entro aqui com um gestor... que comprou a casa do barão, e que hoje os negros podem entrar, pode tirar uma foto, pode estar ali dentro porque hoje é a casa do povo, onde antigamente os negros não tinham nem o direito de entrar, eles construiu né, era sido escravizado, porque ninguém... porque eles nunca foram escravos, porque eles nunca deixaram ser escravizados , pra mim escravo é aquele que se deixa ser escravo, mas é a casa do barão, eu acho algo muito interessante porque foi construído pelos negros, Água Branca foi construída pelos negros, na verdade. (AMBRÓSIO, 2022).

Percebemos que Maria Helena, embora considere relevantes as figuras nobres de Água Branca, problematiza questões importantes, como a presença negra e o trabalho escravo. Os insere como protagonistas na construção da casa e da própria cidade. Segundo o livro de óbito nº 3 encontrado no acervo da Paróquia, o Barão possuía escravos como um de seus bens.

A partir dos questionamentos levantados pela entrevistada sobre a resistência negra ao processo escravocrata, segue o episódio do assassinato do primeiro filho do Barão por um escravizado.

Figura 5: Jornal O Globo (RJ), edição de 13 de maio de 1876



<sup>10</sup> De acordo com a notícia publicada no Jornal O Globo (RJ), edição de 13 de maio de 1876, no dia 10 de maio, um escravizado ao se ausentar da casa, sem autorização dos senhores, foi agredido com duas bofetadas pelo alferes (patente militar) Severino Pompeu de Siqueira Torres, filho do Barão. Como vingança, o escravizado em

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira - Fundação Biblioteca Nacional.

Para Cardeal (2022), a compra da residência do Barão além de valorizar a história do baronato, também traz a cena o cangaço, devido a um famoso assalto realizado na casa da baronesa em Junho de 1922. Desse pensamento também compartilha Reis, “a entrada de Lampião que foi rejeitada pela baronesa na época, e ela não cedeu as exigências dos cangaceiros, e com isso eles invadiram a cidade”. (REIS, 2021).

Samara Reis ainda problematiza o ocultamento da mulher na história e/ou a redução do seu papel. Sabemos que durante muito tempo esse apagamento foi tido como “natural” e só começou a ser percebido como problema há pouco tempo.

Eu já ouvi falar que a cidade era mais administrada pela baronesa, mas do que pelo Barão, mas como era uma época em que os homens recebiam mais crédito, então o Barão sempre recebeu o êxito das conquistas, mas a baronesa também teve bastante influência, pelo que as pessoas comentam hoje em dia, era ela que dava o martelo final, a cartada. (REIS, 2021).

A seguir, no relato sobre o episódio do assalto orquestrado por Lampião a casa da baronesa, encontramos pontos que de certa forma corroboram com a visão da entrevistada.

Joana Vieira Sandes era a moradora mais famosa de Água Branca, uma pequena cidade alagoana situada às margens do rio Moxotó. Casada com Joaquim de Siqueira Torres, o barão da Água Branca, dona Joana era conhecida pela altivez e filhos ricos respeitados. Oito ao todo. **Ficou viúva, mas continuou poderosa e temida.** Certa vez, Lampião mandou pedir 20 contos de reis a baronesa e teve como resposta: “ **os 20 contos, eram para comprar bala e acertar a cabeça dele**”. Lampião ficou indignado e ficou maquinando vingança. Passou um ano planejando o ataque que foi perfeito. Em junho de 1922 ele, e mais 30 homens, usando de estratégias, invadiram à casa da baronesa levando joias, roupas, 30 contos de reis, perfume, ouro e ainda cabras leiteiras. De quebra, um cordão de ouro de três metros de comprimento, mas ele nunca apareceu com essa relíquia. Essa invasão aconteceu pela manhã, bem cedo, pegando todos de surpresa, sobretudo a polícia que nada pôde fazer. E, para completar a façanha, Lampião desfilou de braço dado com a baronesa na rua, mostrando sua ousadia. O fato, deu fama a Lampião que acabara de assumir o comando do bando herdado de Sinhô Pereira. Mostrou a que veio. (MULHERES DO CANGAÇO, 2018).

Essa passagem nos evidencia uma pouco da personalidade da baronesa, mulher de coragem e fibra, com ousadia suficiente para não ceder às exigências de Lampião e muito provavelmente como sugeriu Reis, tivesse voz ativa. A problemática levantada pela

---

uma emboscada, esperou o momento em que Pompeu iria ao roçado e o assassinou com três enormes facadas, depois fugiu entrando nas serras com sentido a Tacaratu (PE).

entrevistada é essencial para analisar criticamente o presente e contrapor uma visão de “natureza” sobre o protagonismo dos homens na construção do processo histórico.

O último elemento são *os lugares*, lugares da memória. Estes podem estar relacionados a uma lembrança pessoal de uma época específica da vida, como na infância (POLLAK, 1996). Ambrósio fala da sua relação de pertencimento com o lugar em que nasceu, segundo ela: “pertencimento tem a minha comunidade né, que é o meu quilombo, onde eu nasci, onde, eu vivi, e eu percebo que ali, eu sinto que ali é um lugar muito bonito” (AMBRÓSIO, 2022).

Esses lugares de infância são tão comuns, que não é difícil percebê-los nas falas do demais colaboradores. Manoel Santos (2021), por exemplo, revive com emoção e saudade as lembranças oriundas de uma lagoa na qual ele e os colegas quando criança costumavam se banhar.

Aqui na minha comunidade tem um lugar aqui que a gente, é... desde criança, criança a gente tomava banho, aprendemos a nadar né, tem uma lagoa aqui que quando no período das chuvas, trovoadas até chegar o inverno ela enchia e aí ficava um lago bem espaçoso e a gente nadava tomava banho, se juntava muita gente o pessoal da comunidade e ficava nadando numa lagoa bem enorme e profunda. (SANTOS, 2021).

O mesmo acontece com Monteiro (2021), quando é questionada por lugares a qual sente-se pertencer. Sem pensar muito, logo discorre sobre uma roça da família e as atividades que lá realizava e que a marcaram.

A roça do céu, como a gente costuma chamar, que é um terreno que minha família tinha, que a gente praticamente cresceu lá, onde a gente plantava, brincava, corria. Então esse lugar para mim é marcante (MONTEIRO, 2021).

Também há memórias fruto dos lugares monumentos ou arquitetônicos (NORA, 1993). O centro histórico é esse tipo de lugar. Lá encontramos os famosos casarões, a formosa igreja Matriz, e o calçamento da praça Fernandes Lima. Esse espaço pode ser descrito como o coração de Água Branca, o lugar onde as pessoas socializam, vão à missa, bares e demais serviços comerciais, também é o lugar onde acontece as principais festividades como o festival de Inverno e a festa da padroeira. Monteiro relata muito bem o centro histórico como um lugar de interação social “onde a gente tinha a tradição de ir para a rua, como a gente costumava dizer, ficar sentadinho nas portinhas azul e ficar vendo o movimento (risos) (MONTEIRO, 2021) ”.

Enfim, todos esses relatos foram organizados de forma seletiva, uma vez que é impossível, levando em consideração nossas limitações humanas, registrar e guardar tudo. Tudo relatado foi fruto de um trabalho de organização da memória, gravar, (re) construir, excluir, relembrar. Portanto, todos os entrevistados, quando questionados exercitaram suas memórias,

mas foi dito aquilo que inconscientemente estava sendo preservado, aquilo que foi impactante o suficiente para driblar o esquecimento.

Por derradeiro, resta dizer que o trabalho esteve mais preocupado em captar noções de memória, em outras palavras, percepções da realidade, uma vez que a forma como o sujeito vê a si mesmo e o mundo em que se vincula, se afasta progressivamente da antiga procura por uma realidade histórica apartada do sujeito, pois a verdade ou o real é sempre uma construção cultural.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho pretendeu analisar os elementos constituintes da memória aguabranuense, para que existisse uma considerável movimentação da própria história do município, despertando nos habitantes lembranças, histórias e sentimentos adormecidos. Para isso foi utilizado referencial teórico para entendimento do conceito de memória e pesquisa exploratória a partir da metodologia de história oral como ferramenta principal na construção da pesquisa. Ainda foi utilizado fotografias e publicações de jornais para contextualização das entrevistas.

Para se atingir uma compreensão dos elementos que compõem a memória coletiva de Água Branca, definiu-se dois objetivos específicos, o primeiro foi identificar quais seriam eles, para depois perceber como essa evocação é realizada e sentida pelos colaboradores. No que diz respeito aos personagens, foram identificados predominantemente quatro, as figuras do Barão e Baronesa, a doutora Quitéria e o Monsenhor Sebastião.

Esses dois últimos foram lembrados pelos serviços prestados à população, por uma tentativa de democratização da educação e saúde, voltando seus esforços principalmente aos mais necessitados. Essa memória, portanto, funcionou como um meio de agradecimento.

No que se refere as memórias relacionadas as duas figuras nobiliárquicas, fala-se da contribuição na formação do município, mas existiu também a constatação do aparecimento de outros personagens, como foi o caso dos escravizados e de Lampião. Ainda, ao abordar esses dois personagens foi percebido memórias que questionam assuntos relevantes, como o apagamento da mulher e problematizações ao processo escravocrata.

Sobre os acontecimentos, houve a transição de governo (1992-1993). Essa memória pareceu funcionar como uma estratégia de resistência, para que situações similares não se repitam. Aos lugares de memória, foi possível perceber a importância da infância, geralmente

são lugares que os indivíduos frequentaram na infância que lhes trazem maiores sentimentos de pertencimento. Outro lugar importante foi o centro da cidade pois é o espaço de integração e socialização da região.

É importante ressaltar que as entrevistas, além de sustentarem esse trabalho, abriram novos horizontes para novas pesquisas, ao lermos a transcrição das mesmas, percebemos as inúmeras possibilidades de objetos de estudos, como a questão dos quilombos e o protagonismo feminino em Água Branca, ou a contribuição de freires no processo de luta pela terra.

Por fim, o processo de coleta de memórias sobre um determinado tema ou local é custoso, principalmente na questão das entrevistas, busca bibliográfica, análise e interpretação dos relatos. Contudo, o produto final é extremamente recompensador, não somente para nós pesquisadores, como também para a comunidade, uma vez que pode ter uma visão mais ampla da sua própria história.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª edição, editora FGV, rio de janeiro, 2005.
- ARAÚJO, Marília Lima de. **Família e relações de parentesco de escravizados : Água Branca / Alto Sertão da província de Alagoas (1850-1888)**. 2018. 198 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.
- ANDRADE. M. C. **A Terra e o Homem no Nordeste** – Contribuições ao estudo da questão agraria no Nordeste. 6. ed. Recife: Editora Universitária – UFPE, 1998.
- BÔAS, Lúcia Villas. História, Memória e representações sociais: Por uma abordagem crítica e interdisciplinar. **Cadernos de pesquisa**, v. 45, p. 244-258, 2015.
- BURKE, Peter. **Variedades da história cultural**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- CHAGASTELLES, Gianne; LACERDA, Gislene. História oral, memória e história do tempo presente: debate conceitual e de sentidos. In: X Encontro Regional Sudeste de História Oral. Educação das sensibilidades: Violência, desafios contemporâneos. **Anais eletrônicos**. Campinas, 10 a 13 de set. de 2013 – UNICAMP. ISBN 978-85-85562-40-3. p.1-13. Disponível em: <[https://sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1372529143\\_ARQUIVO\\_textoGianneGislenepdf](https://sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1372529143_ARQUIVO_textoGianneGislenepdf)> Acesso em 28 fev.2022.

CRUZ, José Vieira da. O uso metodológico da história oral: um caminho para a pesquisa histórica. **FRAGMENTA**. Aracaju: UNIT, p.1-15, 2005.

DANTAS, Vladmir José. **História e Memória**. Aracaju: UNIT, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

**IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e estatística**. Disponível em:><http://ibge.gov.br/cidades-e-estados/al/agua-branca.html>>. Acesso em 12/05/2021.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, Magda campos de. Doação de terras no sertão de Alagoas e a formação do território religioso do município de Mata Grande. **Revista de Geografia**, Recife V.38, nº.2, p.125-146, 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe B. Meihy. HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. Ed., 1ª reimpressão. Contexto, São Paulo, 2011.

MOTTA, Márcia Menendez. História e Memória. **CADERNOS DO CEOM**. Chapecó: UNOCHAPECÓ, n.17, ano 16, p.179-199, 2003. ISSN (Eletrônico) 2175-0173. Disponível em: <<https://bel.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2196>> Acesso em: 01 abr. 2022.

O assalto de Água Branca. Mulheres do cangaço. 02 Abr. 2018. Disponível em:><https://www.mulheresdocangaco.com.br/project/o-assalto-de-agua-branca/>>. Acesso em: 20/03/2021.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Vai di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944). \_\_ AMADO”, J.; FERREIRA, MM (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, p. 103-130, 1998.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Unicamp, 2007.

SANTOS, Fábio Pereira dos. **Rurbanização e ensino de geografia: um olhar sobre a cidade de Água Branca – AL**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) -

Unidade Delmiro Gouveia - Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2014.

SANTOS, Jadilson Pimental dos. Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Água Branca: Uma joia neoclássica no sertão de Alagoas. **ANPUH-BRASIL- 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA- RECIFE**, p.1-15, 2019.

SILVA, Maria Lúcia Pereira dos Santos. **Rezar, cozer e costurar: memórias das estudantes do Educandário (Água Branca / AL 1965-1975)**. 2022. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Unidade Delmiro Gouveia - Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, p.7-28, 1993.

VERÇOSA, E. G. Cultura e educação nas Alagoas. **Histórias, histórias**. 4 ed. Maceió: EDUFAL, 2006.

## **FONTES ORAIS**

AMBRÓSIO, Maria Helena de. [25 anos]. [abril 2022]. Entrevistadora: Vitória Teixeira dos Santos. Água Branca, AL. 05 de abril de 2022.

CARDEAL, Heládio Siqueira. [56 anos]. [abril 2022]. Entrevistadora: Vitória Teixeira dos Santos. Água Branca, AL. 05 de abril de 2022.

MONTEIRO, Glauciere da Silva. [28 anos]. [junho 2021]. Entrevistadora: Vitória Teixeira dos Santos. Água Branca, AL. 29 de Junho de 2021.

REIS, Samara Lima dos. [20 anos]. [junho 2021]. Entrevistadora: Vitória Teixeira dos Santos. Água Branca, AL. 28 de junho de 2021.

SANTOS, Manoel Hamilton dos. [51 anos]. [maio 2021]. Entrevistadora: Vitória Teixeira dos Santos. Água Branca, AL. 17 de maio de 2021.

**APÊNDICE 1 – ENTREVISTAS REALIZADAS COM AGUABRANQUENES NO PERÍODO DE 2021-2022 EM ÁGUA BRANCA-AL.**

ENTREVISTA REALIZADA COM MANOEL HAMILTON DOS SANTOS, NO DIA 17 DE MAIO DE 2021, EM SUA RESIDÊNCIA, NO POVOADO SERRA DO SÍTIO, ÁGUA BRANCA-AL, ÀS QUATRO E TRINTA E NOVE DA TARDE.

ENTREVISTADOR (a): Meu nome é Vitória Teixeira dos Santos, tenho 24 anos, sou moradora desse mesmo povoado, graduanda em História pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Delmiro Gouveia. Estou fazendo essa pesquisa para ajudar no meu trabalho de conclusão de curso.

COLABORADOR: Eu sou Manoel Hamilton dos Santos. Moro no povoado Serra do Sítio.

QUAL A SUA IDADE E HÁ QUANTO TEMPO MORA NESTE MUNICÍPIO?

Moro desde quando nasci, 51 anos.

VOCÊ LEMBRA DE ALGUM ACONTECIMENTO MARCANTE PARA O MUNICÍPIO DE ÁGUA BRANCA?

É... a questão política de que o grupo governou Água Branca durante 40 anos, e o povo se sentia, é, oprimido; aí veio um homem por nome de Luís Xavier que se lançou a candidato e ocupou o cargo que era exercido por ele né, no município.

VOCÊ CONSIDERA ESSE ACONTECIMENTO IMPORTANTE POR QUÊ?

Porque o povo se sentiu mais livre, mais liberto né, é... com direito de se expressar e reclamar, exigir direitos né.

HÁ LUGARES NESTE MUNICÍPIO QUE TE DESPERTEM UM MAIOR GRAU DE PERTENCIMENTO, POR QUÊ? HÁ LUGARES QUE MEREÇAM ALGUM DESTAQUE, QUE ESTEJA GUARDADO NA SUA MEMÓRIA?

Aqui na minha comunidade tem um lugar aqui que a gente, é... desde criança, criança a gente tomava banho, aprendemos a nadar né, tem uma lagoa aqui que quando no período das chuvas, trovoadas até chegar o inverno ela enchia e ai ficava um lago bem espaçoso e a gente nadava tomava banho, se juntava muita gente o pessoal da comunidade e ficava nadando numa lagoa bem enorme e profunda.

#### HÁ PERSONAGENS QUE MARCARAM A HISTÓRIA DE ÁGUA BRANCA? QUAL FOI A CONTRIBUIÇÃO DELE(S)?

Tem, tem vários né, tem o Barão, a baronesa, né, a história que a gente ouvia os mais velhos contar né, mas que eu conheci teve o Monsenhor Sebastião que era muito caridosos, bondoso, fez uma casa de apoio para as moças das famílias da zona rural que não poderia botar os filhos para estudar e ali ele acolhia e elas estudavam até adquirir uma formação que era o curso de magistério. A doutora Quitéria né, que foi médica, uma médica nascida no município e era uma pessoa muito preocupada com a situação do município e com as pessoas carentes, ela era muito, é, acolhedora.

#### ÁGUA BRANCA TEM ALGUMA HISTÓRIA DE LUTA OU RESISTÊNCIA?

É, tem né, hoje se tem, hoje se tem, é a, é a, alguns assentamentos pela pastoral da terra, mas que já existia, ouve um, como é que diz? Que enfraqueceu a luta, mas foi criado pelos freis que se alojaram no município do tabuleiro, e eles, tanto eles pregavam a palavra, celebravam missas campal, mas apoiavam também o movimento da luta, o movimento sem-terra, e hoje, aí voltou hoje, que hoje é, foi conquistado algumas propriedades e hoje tem vários assentamentos dentro do município.

#### VOCÊ PERTENCE?

Sim

#### HÁ ALGO NESTE MUNICÍPIO QUE PRECISE AVANÇAR, MELHORAR?

Na questão da, dá, dá política, a saúde, educação, estrada, né, desenvolver uma forma de, de criar, desenvolver um trabalho, um projeto, que dê emprego, dê uma condição melhor de vida pra população, para que os jovens não venham ter que sair do município pra viajar pra outros estados.

VOCÊ SE SENTE UM CIDADÃO ÁGUA-BRANQUENSE, POR QUÊ?

Sim, eu me sinto porque na verdade a minha vida toda foi dentro do município né, com as dificuldades, mas também a gente trás né, no interior, na mente fica registrado, é, algo de bom né, que o município, a região né, a cultura né, aquela cultura do campo, da roça, do né, da, Cultura das festas, de padroeira, de vaquejada, e outras mais né, que existe como reisado, dança de São Gonçalo, e algumas mais que eu não lembro.

Água Branca-Alagoas

Destinatário,

Eu, Manoel Hamilton dos Santos Casado  
portadora do RG sob nº 4003342, declaro para os devidos fins que  
cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 17/05/2023, para  
Vitória Teixeira dos Santos usá-las integralmente ou em partes, sem restrições  
de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma,  
autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar citações, ficando vinculado o  
controle a Universidade Federal de Alagoas-Campus do Sertão, Sede Delmiro  
Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Manoel Hamilton dos Santos

(Assinatura do colaborador)

ENTREVISTA REALIZADA COM SAMARA LIMA DOS REIS, NO DIA 28 DE JUNHO DE 2021, EM SUA RESIDÊNCIA, NA CIDADE DE ÁGUA BRANCA-AL, ÀS 09:16 PM.

ENTREVISTADOR (a): Meu nome é Vitória Teixeira dos Santos, tenho 24 anos, sou moradora de água Branca, também. Graduanda em História pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Delmiro Gouveia. Estou fazendo esta pesquisa para ajudar no meu trabalho de conclusão de curso.

SAMARA, QUAL A SUA IDADE E A QUANTO TEMPO MORA NESTE MUNICÍPIO?

Eu tenho 20 anos, moro aqui a 20 anos.

VOCÊ LEMBRA DE ALGUM ACONTECIMENTO MARCANTE PARA O MUNICÍPIO DE ÁGUA BRANCA?

Cultural, é... Eles tinham um costume de época junina fazer uns palhoção do lado da igreja e era muito marcante, marcou a minha infância e é uma coisa que não existe mais.

HÁ LUGARES NESTE MUNICÍPIO LUGARES QUE TE DESPERTEM UM MAIOR GRAU DE PERTENCIMENTO?

O centro da cidade. É... pelo fato de, do peso histórico, que carrega.

HÁ PERSONAGENS QUE MARCARAM A HISTÓRIA DE ÁGUA BRANCA?

A baronesa e o Barão.

QUAL FOI A CONTRIBUIÇÃO DELES?

A formação da cidade, a construção da igreja, que é uma importante construção e outras coisas, para lembrar assim eu não me recordo.

TERIA ALGUM LADO NEGATIVO NESTA HISTÓRIA CONTADA DESTES DOIS PERSONAGENS?

Não que eu lembre né, tipo, negativo como?

PORQUE VOCÊ FALOU DAS FEITORIAS QUE FORAM IMPORTANTES PARA O DESENVOLVIMENTO DE ÁGUA BRANCA, EU QUERIA SABER SE EXISTEM OUTRAS PECULIARIDADES DA PERSONALIDADE DOS DOIS, COISAS QUE ELES FIZERAM QUE NÃO FORAM TÃO LEGAIS.

Não, assim eu não sei, mas eu já ouvi falar que a cidade era mais administrada pela baronesa mas do que pelo Barão, mas como era uma época em que os homens recebiam mais crédito, então o Barão sempre recebeu o Êxito das conquistas, mas a baronesa também teve bastante influência, pelo que as pessoas comentam hoje em dia, era ela que dava o martelo fina, a cartada.

ÁGUA BRANCA TEM ALGUMA HISTÓRIA DE LUTA OU RESISTÊNCIA?

Tem acho que um pouco dos dois, a entrada de lampião que foi rejeitada pela baronesa na época e ela não cedeu as exigências dos cangaceiros, e com isso eles invadiram a cidade.

VOCÊ SE SENTE AGUABRANQUENSE?

Em uma parte sim e em outra não, mas da história sim, e pessoal nem tanto se deu pra entender. Você poderia especificar mais um pouco se possível?

Acho que a cidade com o passar do tempo mudou muito seus costumes e influenciou muito as pessoas, e não sei.

VOCÊ PENSA EM MORAR AQUI OU PRETENDE VIAJAR, SE MUDAR?

Eu pensaria. Não tenho objetivo de permanecer aqui até mesmo porque a cidade ela traz um peso muito grande de pessoas tóxicas.

Água Branca-Alagoas

Destinatário.

Eu, Samara Lima Soares dos Reis., relato,  
portadora do RG sob nº 4246758-9, declaro para os devidos fins que  
cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 28/06/2021 para  
Vitória Teixeira dos Santos usá-las integralmente ou em partes, sem restrições  
de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma,  
autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar citações, ficando vinculado o  
controle a Universidade Federal de Alagoas-Campus do Sertão, Sede Delmiro  
Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Samara Lima Soares dos Reis.

(Assinatura do colaborador)

ENTREVISTA REALIZADA COM GLAUCIERE DA SILVA MONTEIRO, NO DIA 29 DE JUNHO DE 2021, EM SUA RESIDÊNCIA, NA CIDADE DE ÁGUA BRANCA-AL, ÀS 12:55 DA TARDE.

ENTREVISTADOR: Meu nome é Vitória Teixeira dos Santos, tenho 24 anos, sou moradora desse município, especificamente no povoado serra do sitio, sou graduanda em história pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Delmiro Gouveia. Estou fazendo essa pesquisa para ajudar no meu trabalho de conclusão de curso.

COLABORADOR: Boa tarde, meu nome é Glauciere, sou enfermeira, tenho 28 anos.

HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ MORA NESTE MUNICÍPIO?

Desde quando eu nasci, só precisei me ausentar por 4 anos, para cursar a faculdade de enfermagem em Recife.

VOCÊ LEMBRA DE ALGUM ACONTECIMENTO MARCANTE PARA O MUNICÍPIO DE ÁGUA BRANCA?

Sim, pra mim, a tradição do festival de inverno que a gente tem e a festa da padroeira.

VOCÊ CONSIDERA ESSES ACONTECIMENTOS IMPORTANTES POR QUÊ?

Porque eles valorizam mais ainda a nossa cultura, a cultura da nossa cidade veio melhorando bastante, recebendo mais turistas e assim ajudando até na questão financeira da cidade.

HÁ LUGARES NESTE MUNICÍPIO QUE TE DESPERTEM UM MAIOR GRAU DE PERTENCIMENTO?

Sim. A roça do céu, como a gente costuma chamar, que é um terreno que minha família tinha, que a gente praticamente cresceu lá, onde a gente plantava, brincava, corria. Então esse lugar para mim é marcante, também tem quando a gente vai virando adolescente tem a questão do centro da cidade, onde a gente tinha a tradição de ir para a rua, como a gente costumava dizer, ficar sentadinho nas portinhas azul e ficar vendo o movimento (risos). Para mim, são coisas que marcam.

HÁ PERSONAGENS QUE MARCARAM A HISTÓRIA DE ÁGUA BRANCA? QUAL FOI A CONTRIBUIÇÃO DELES?

Sim. Acredito muito que o Barão e a Baronesa pela sua história. E também ouvi falar muito sobre o padre Monsenhor Sebastião, que o pessoal costuma contar muitas histórias sobre ele, mas não cheguei a conhecer por conta da minha idade.

ÁGUA BRANCA TEM ALGUMA HISTÓRIA DE LUTA OU RESISTÊNCIA?

Sim. Para mim, a questão política. Porque como eu já disse, escutávamos muitas histórias da questão do coronelismo, e hoje em dia dizem que está mais diferente, digamos que os aguabranquenses tem mais liberdade de expressão hoje em dia.

HÁ ALGO NESTE MUNICÍPIO QUE PRECISE MELHORAR, AVANÇAR?

Com certeza. A questão do desenvolvimento, da economia. Porque muitos cidadãos dessa cidade dependem da prefeitura. Digamos assim, um trabalho pela prefeitura, e tendo um desenvolvimento socioeconômico, iria ajudar mais ainda a cidade.

VOCÊ SE SENTE ÁGUA-BRANQUENSE?

Com certeza, nasci, fui criada e pretendo morrer aqui. Eu amo minha cidade, independentemente de qualquer coisa.

Água Branca-Alagoas

Destinatário,

Eu, Glauceire da Silva Monteiro, solteira,  
portadora do RG sob nº 33874557, declaro para os devidos fins que  
cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 29/06/2021 para  
Vitória Teixeira dos Santos usá-las integralmente ou em partes, sem restrições  
de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma,  
autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar citações, ficando vinculado o  
controle a Universidade Federal de Alagoas-Campus do Sertão, Sede Delmiro  
Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente

Glauceire da Silva Monteiro

(Assinatura do colaborador)

ENTREVISTA REALIZADA COM ELÁDIO SIQUEIRA CARDEAL, NO DIA 05 DE ABRIL DE 2022, NA SECRETÁRIA DE CULTURA EM ÁGUA BRANCA-AL, ÀS 09:44 DA MANHÃ.

ENTREVISTADOR (a): Meu nome é Vitória Teixeira dos Santos, tenho 25 anos, resido aqui em Água Branca, sou graduanda em História pela universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Delmiro Gouveia. Estou fazendo essa pesquisa para ajudar no meu trabalho de conclusão de curso, pode se apresentar por favor.

COLABORADOR: Eu sou Eládio, estou secretário de cultura, tenho 56 anos, e tô aqui para ajudar a companheira.

HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ RESIDE NESSE MUNICÍPIO?

Desde que eu nasci.

VOCÊ LEMBRA DE ALGUM ACONTECIMENTO MARCANTE PARA O MUNICÍPIO DE ÁGUA BRANCA?

Teve vários acontecimentos assim, que se tornam importante, por exemplo, a emancipação de Pariconha, que pertencia a Água Branca, então eu presenciei né, a questão que foi muito forte na época, a questão política pesou muito para que Pariconha tivesse a emancipação e as questões que vem do di-a dia, que é a questão cultural, nós temos aqui uma cultura rica, enorme, que precisa ser preservada e também temos o turismo, a preservação da nossa natureza, a cachoeira e as trilhas que nós temos aqui.

HÁ LUGARES NESTE MUNICÍPIO QUE TE DESPERTEM UM SENTIMENTO MAIOR DE PERTENCIMENTO, COMO VOCÊ ACABOU DE FALAR A CACHOEIRA, TEM OUTROS LUGARES TAMBÉM QUE DESPERTEM EM VOCÊ UM SENTIMENTO MAIOR DE PERTENCIMENTO, POR EXEMPLO LUGARES DA INFÂNCIA, OU LUGARES MAIS ATUAIS TAMBÉM?

Então, uma das coisas que eu fiquei feliz foi a aquisição da casa do Barão, vinte anos fechado e agora na gestão do prefeito Zé Carlos a gente conseguiu resgatar essa casa. Então foi um fato pra gente porque não só a história do baronato como também do cangaço e nós temos aqui

vestígios de lugares importantíssimos que ainda as pessoas não começaram a explorar as salas das brigadas que fica na matinha de Água Branca, no boqueirão a matinha, então assim, as pessoas precisam procurar um pouco a nossa história, a nossa raiz né, temos também os quilombos que foram uma história que se avançou que hoje nós temos seis comunidades reconhecidas e a parti dos pontos turísticos de Água Branca por ser uma comunidade localizada em serras, nós temos mirantes belíssimos que podem ser aproveitados para o turismo e para as pessoas da própria comunidade.

**SOBRE ESSA HISTÓRIA DO BARONATO, VOCÊ ACHA QUE ISSO FAZ PARTE DA IDENTIDADE DO POVO AGUABRANQUENSE, ACHA QUE SE FAZ PRESENTE, HÁ UMA MEMÓRIA QUE DISCORRA SOBRE ISSO?**

Sim, muito importante porque agua branca se deu o nome por causa da luta do barão na construção da igreja , quando veio para Água Branca ele veio de triunfo, serra talhada então ele veio apenas com título de coronel ele ganhou o título de Barão na construção da igreja matriz Nossa Senhora da Conceição e ele construiu para o filho dele o padre José Cicero que não chegou nem ordenar mas ele concluiu a construção da igreja e recebeu do papa Carlos Magno o reconhecimento de título de barão de Água Branca, pra mim é muito importante a história do Barão é tanto que nossa característica daqui, o cenário de Água Branca tem tudo a ver com o histórico português né.

**AQUI EM ÁGUA BRANCA TEM ALGUMA HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA, ALGUMA COISA QUE MARCOU ASSIM?**

Tem, tem vários, eu só vou citar uma aqui, a questão dos indígenas, kalankos, são um povo que estavam extremamente esquecidos, e resistindo e agora é reconhecido com aldeia kalanko, e fico feliz pela luta deles, que eles passaram muitos anos no anonimato, e agora no governo anterior eles foram reconhecidos e extremamente beneficiados.

**HÁ ALGUMA COISA NO MUNICÍPIO QUE PRECISE MELHORAR?**

Água Branca em si, ela está pronta, mas ela precisa estar no nível que é exigido pelo ministério do turismo. Coisas poucas que podem ser melhoradas, desde que a gente acredite, a gente vista a camisa, e eu acho que não é só o poder público que é responsável pelo crescimento, eu acho que a sociedade de um modo geral, para que a gente possa junto com o poder público alavancar

o turismo de verdade, a gente não só pode só jogar a culpa no governo, tem que ter também vindo da sociedade civil para que a gente possa junto crescimento, reconhecimento, ter um norral, que hoje Piranhas tem Água branca precisa ta inserida né, a sociedade, o comércio, tem que tá voltado para o que o turismo exige de qualidade né, o produto, o serviço, então para isso a sociedade tem que tá também junto e o poder público também.

AGORA A ÚLTIMA QUESTÃO É BEM SINGULAR, VOCÊ SE SENTE AGUABRANQUENSE? POR QUÊ?

Desde que eu nasci aqui eu acho que eu fui privilegiado ter nascido numa cidade no sertão que tem frio né, o clima perfeito, e eu primeiro agradecer a Deus por ter nascido aqui e depois poder contribuir junto com a sociedade, junto com o governo que eu estou né a transformação, a inovação de algumas coisas , mas precisamos avançar muito mais eu sinto falta, da participação do povo, o povo é que tem que dizer o que quer, que eu acho que a democracia é isso, vem do povo para que a gente junto possa avançar

VOCÊ ACHA QUE É UM DÉFICIT DA EDUCAÇÃO ESSA QUESTÃO DE INCENTIVO MAIOR?

Sim. É questão de cultura. Eu acho que a partir do momento a gente inserisse a política pública da cultura de Água Branca nas escolas, para as crianças as nossas danças, para que não morram, eu acho que começa a mudar a forma da gente pensar, de agir, valorizando o que nós temos de bom.

Água Branca-Alagoas

Destinatário,

Eu, HELADIO SIQUEIRA CARVALHO SOLTEIRO  
portadora do RG sob nº 970870770, declaro para os devidos fins que  
cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 0510422, para  
Vitória Teixeira dos Santos usá-las integralmente ou em partes, sem restrições  
de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma,  
autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar citações, ficando vinculado o  
controle a Universidade Federal de Alagoas-Campus do Sertão, Sede Delmiro  
Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

  
(Assinatura do colaborador)

ENTREVISTA REALIZADA COM MARIA HELENA DE AMBRÓSIO, NO DIA 05 DE ABRIL DE 2022, NA SECRETÁRIA DE CULTURA EM ÁGUA BRANCA-AL, ÀS 09:55 DA MANHÃ.

Meu nome é Vitória Teixeira dos santos, resido aqui em água Branca, sou graduanda em História pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão Delmiro Gouveia. Estou fazendo essa pesquisa para ajudar no meu trabalho de conclusão de curso.

QUAL A SUA IDADE E A QUANTO TEMPO VOCÊ MORA NESSE MUNICÍPIO?

Meu nome é Maria Helena de Ambrósio, conhecida como lia Araújo aqui na cidade, e sou presidente da Associação de mulheres artesãs quilombolas e liderança lá da comunidade Serra das viúvas e atuo aqui ajudando os quilombolas aqui de Água Branca e hoje tenho 25 anos. Moro aqui na cidade, no interior da cidade, desde que eu nasci, nasci aqui no município de Água Branca

VOCÊ LEMBRA DE ALGUM ACONTECIMENTO MARCANTE PARA O MUNICÍPIO DE ÁGUA BRANCA-AL?

Assim, pra mim, o acontecimento marcante foi quando a minha comunidade foi reconhecida como quilombo, pela fundação cultural palmares, onde minha mãe né lutou, que ela foi a primeira presidente da Associação e a primeira mulher fundadora daquela associação né, foi uma história de luta, né, então pra mim a maior importância foi a comunidade ser reconhecida como quilombola pela fundação palmares, ta reconhecida, tem todo um direito né, e quando as mulheres se reuniu como um grupo, pra mim é muito importante ter os grupos reunidos e unidos pra que traga melhorias parar seu quilombo e que da visibilidade também a cultura do município.

FOI EM QUE ANO QUE ISSO ACONTECEU?

Foi em 2009, se eu não me engano.

VOCÊ JÁ FALOU O PORQUÊ DA IMPORTÂNCIA DESSE ACONTECIMENTO, ENTÃO, OUTRA PERGUNTA TAMBÉM QUE VOCÊ PODE PENSAR LÁ OU PODE TAMBÉM TER OUTROS LUGARES, MAS FICA AO SEU CRITÉRIO E A SUA ESCOLHA.

QUE LUGARES VOCÊ CONSIDERA QUE TEM UM MAIOR GRAU DE PERTENCIMENTO?

Pertencimento tem a minha comunidade né, que é o meu quilombo, onde eu nasci, onde, eu vivi, e eu percebo que ali, eu sinto que ali é um lugar muito bonito, que além do turismo dá para gerar renda, né, porque é uma comunidade bonita, só precisa ser melhorada e o que eu acho interessante aqui é a casa do Barão, que foi construída pelos negros, só que hoje né, graças a Deus a gente entro aqui com um gestor maravilhoso que comprou a casa do barão, e que hoje os negros podem entrar, pode tirar uma foto, pode estar ali dentro porque hoje é a casa do povo, onde antigamente os negros não tinham nem o direito de entrar, eles construiu né, era sido escravizado, porque ninguém... porque eles nunca foram escravos, porque eles nunca deixaram ser escravizados, pra mim escravo é aquele que se deixa ser escravo, mas é a casa do barão, eu acho algo muito interessante porque foi construído pelos negros, n Agua Branca foi construída pelos negros, na verdade.

HÁ PERSONAGENS QUE MARCARAM A HISTÓRIA DE ÁGUA BRANCA?

Acho eu uma das pessoas eu marcou a história de água branca foi a dona dessa casa aqui, que a gente está aqui, eu foi a doutora Quitéria, ela foi a mãe de água branca né, ela tratava os água-branquenses com muito carinho, inclusive quando eu era pequenina eu vinha pra cá para ser atendida por ela, o barão também, trouxe uma história para água branca dentre outros personagens, eu eu não to lembrada agora, mas essas duas pessoas foi muito importante para a história de água branca, e as liderança quilombola eu traz visibilidade para a história do município e que marcam sua história de luta que se reúnem em suas comunidades.

A PRÓXIMA PERGUNTA ERA JUSTAMENTE ISSO SE TERIA ALGUMA HISTÓRIA DE LUTA OU RESISTÊNCIA?

Tem os indígenas, os kalankos, a comunidade da serra das viúvas, Moreira de baixo, queimadas, barro preto, são mulheres que se reúnem para trazer melhorias para a sua comunidade para o seu lugar.

#### A QUESTÃO DOS QUILOMBOS, A FORÇA MAIOR SE DÁ ENTRE GRUPO DE MULHERES?

Sim, geralmente são grupos femininos inclusive na minha comunidade a gente tentou colocar, antigamente de artesãos, mas como não tinha atuação dos homens né, tinha um ou dois que faziam artesanato as vezes vinham, as vezes não vinham então a gente decidiu deixar a associação de mulheres porque as mulheres que tomam a frente o homem na comunidade infelizmente ele não tem as mesmas coragem que a mulher, a mulher trabalha na roça, ela cuida do filho, ela cuida da questão social até para construir a nossa sede nós eram as próprias ajudantes, que os homens não acreditavam, não acredita, claro que não é todos, mas a grande maioria não acredita no potencial que a mulher tem, não acredita no social, não quer lutar pra poder alcançar né, e as mulheres elas sempre tem esse poder de lutar para depois vim o reconhecimento, não é algo tão rápido, não e a curto prazo é a longo prazo.

#### HÁ ALGO NESTE MUNICÍPIO QUE VOCÊ ACHE QUE PRECISE MELHORAR?

Sim né, eu acho que com relação a nossa comunidade hoje tem várias trilhas, então a gente precisa melhorar essa questão, o acesso, uma das coisas mais importante é o acesso, sempre tem que está tudo certinho para que o turista possa chegar até a comunidade, porque eles não vão querer as vezes chegar aqui em um carro e subir um carro pra serra para furar um pneu, então tem que está melhorada, a grande parte vem da sociedade né, a gente tem que ir até o poder público para que o poder público faça , porque se a gente não cobrar, ficar em casa ele não vai fazer e não está errado, se eu não fui levar o problema como é que ele vai fazer a parte dele né.

#### POR QUE VOCÊ SE SENTE AGUABRANQUENSE?

Porque eu nasci aqui, gosto do microclima, que agua branca tem, é o frio é o calor, é um lugar que a gente não consegue achar lá fora, é aqui em água Branca a questão da cultura, cultura negra, cultura indígena, agua branca é uma cidade , eu não vou dizer só agua branca, mas o nosso nordeste, nós temos tudo, nós temos praias, rios, nós temos cachoeiras, então eu me

identifico muito com isso, posso ir para onde for, pode ser o melhor lugar do mundo, todo mundo chique elegante como se diz, eu já fui para muitos lugares bacanas mas sempre da vontade da comida, do clima, das pessoas, da cultura, que aqui tem, aqui é um lugar muito bonito água branca, água branca tem muito o que ser mostrado , tem muitas parteiras, eu me identifico muito com a cultura daqui.

Água Branca-Alagoas

Destinatário,

Eu, Maria Helma de Araújo Ambrósio Salteira, portadora do RG sob nº 38671824, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 05/04/2023 para Vitória Teixeira dos Santos usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-las e usar citações, ficando vinculado o controle a Universidade Federal de Alagoas-Campus do Sertão, Sede Delmiro Gouveia, que tem a guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Maria Helma de Araújo Ambrósio

(Assinatura do colaborador)